

O LIRISMO CONFSSIONAL EM A CINZA DAS HORAS, DE MANUEL BANDEIRA

Jhonatan Rodrigues Peixoto da Silva¹

RESUMO: Este artigo analisa os vestígios da presença biográfica de Manuel Bandeira contidos em seu primeiro livro, **A cinza das horas**, objetivando demonstrar que, embora a literatura seja considerada um discurso autorreferencial, abordando uma realidade própria e baseada nos princípios da verossimilhança, é possível, em alguns casos, extrair a significação de um discurso literário associando a biografia do autor à sua produção artística. Assim, buscamos evidenciar o teor confessional arraigado no lirismo de **A cinza das horas**.

Palavras-chave: Gênero lírico. Poesia. Manuel Bandeira. Lirismo confessional.

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é demonstrar os vestígios da presença biográfica de Manuel Bandeira em seu livro inaugural de poemas, **A cinza das horas**, asseverando, assim, o teor confessional presente nos poemas da supracitada obra de Bandeira. Se depreendermos o discurso literário como autônomo, específico e embasado no fingimento e simulacro, não poderíamos dissecar a obra literária procurando, em seu interior, os traços da vida do autor. Mesmo no gênero lírico, cuja expressão frisa os estados da alma do sujeito e sua sentimentalidade, entendemos que a voz lírica que expressa suas emoções é, por si mesma, um elemento fictício. No entanto, em alguns casos específicos, existe a possibilidade de extrairmos a significação da obra literária por intermédio da subjetividade do autor. Há casos em que as conjunturas e as experiências pessoais infundem profundamente na expressão artística do sujeito que a produz. Em **A cinza das horas**, foi possível observar que as agruras e adversidades suscitadas pela tuberculose que acometera Manuel Bandeira no ápice de sua juventude o impactaram de tal forma que sua primeira produção artística fora extremamente afetada pelos infortúnios que assolavam o poeta, tornando **A cinza das horas** um livro de tom confessional, cujos versos parecem refletir as angústias vivenciadas pelo poeta.

O artigo se divide em dois tópicos. No primeiro tópico, apresentamos as características fulcrais do gênero lírico a fim de familiarizar o leitor que, eventualmente, não as conheça. Em seguida, problematizamos o gênero supracitado ao questionar a voz que se expressa no lírico, colocando o leitor diante da dicotomia autor\eu lírico, concomitantemente à nossa tentativa de deslindar satisfatoriamente essa dicotomia, distinguindo eu biográfico do eu lírico. Distinção que, a princípio, impediria a extração de significação da obra poética vinculada às peculiaridades da vida do autor. No segundo tópico, voltamos-nos à questão que abrange a fusão entre autor e eu lírico, perceptível nos versos de **A cinza das horas**. Ao associarmos alguns fatos da vida de Manuel Bandeira, que concerniam à época em que ele escreveu seus primeiros versos, à sua produção poética inaugural, observamos que a expressão literária do

¹ Graduando em Letras- UNIABEU, RJ. literaturamimesis@hotmail.com

poeta fora influenciada pelas conjunturas de sua vida. E corroboramos tal fato ao citarmos trechos de poemas em que era mais proeminente a percepção dessa influência. Sendo assim, no caso específico de **A cinza das horas**, a significação da obra literária poderá ser extraída por intermédio das peculiaridades da vida que o autor tenha levado no momento em que escrevia seus poemas, rompendo, momentaneamente, ou opcionalmente, com a autorreferencialidade da obra literária, e, assim, incutindo um tom confessional no lirismo de Manuel Bandeira. Destarte, utilizamo-nos de um tipo de análise literária que é oriunda do geneticismo, em que se busca a significação de um discurso literário objetivando os fatos biográficos do autor, no entanto, como dissemos acima, é uma tendência ou opção de análise, visto que a plurissignificação da obra literária propiciará a extração de outras significações no interior do texto.

1. Problemáticas do gênero lírico: quem fala é o autor ou o eu lírico?

A literatura apresenta-nos um discurso autorreferencial, pois ela fala de si mesma, e sua significação deve ser extraída estritamente da estrutura que o texto literário nos proporciona. Seguindo essa perspectiva assaz formalista, a fim de compreendermos bem um texto literário, preconizaríamos, na análise literária, o estudo do texto pelo texto, uma posição imanentista já que toda a carga de significação que a obra literária possui (e são várias as significações possíveis, visto que falamos de um discurso polissêmico) será interpretada ou investigada seguindo minuciosamente os caminhos que o próprio texto nos sugere. Buscamos as significações possíveis relegando a figura do autor, afastando-o de seu texto até que ele desvaneça por completo, ou em outros termos, assassinando-o textualmente. O autor está morto, como já nos dizia Barthes: “como instituição, o autor está morto: sua pessoa civil, passional, biográfica, desapareceu; (...)” (BARTHES, 2013, p.35). E se pensarmos, utilizando uma coerência artística, não seria indubitavelmente necessário que o autor morresse, isto é, que se destituisse de sua individualidade e sua subjetividade para dar vida e ideologias aos mais diversos tipos psicológicos que avultam em suas personagens? Se o suicídio ideológico e psicológico do autor não ocorresse, suas criações não seriam pastiches de si mesmo, uma extensão literária de sua própria individualidade? É inegável, portanto, que a literatura fala de si mesma, utiliza-se de um discurso linguístico específico, conhecido pelo conceito de literariedade, e que não devemos buscar a significação de uma obra literária estritamente na psicologia do autor. A expressão artística literária baseia-se, sobretudo, no simulacro ou no fingimento, na representação, ou seja, em uma atividade lúdica do faz-de-conta deflagrado pelo autor. Aliás, o autor não diz nada, quem fala é o texto.

As ideias e argumentos acima expostos concernem ao arcabouço ideológico das escolas estruturalistas e formalistas, porém, não estamos diante de um litígio teórico já solucionado, há muitas controvérsias e dissensões teóricas, e ainda existem as escolas de cunho historicista ou marxista que irão condicionar a significação da obra literária a fatores sociais e históricos, relegando, na maioria das vezes, o principal fenômeno da literatura, o que de fato a caracteriza, sua literariedade e seu esmero em relação à forma. Assim, poderíamos dizer que ao relegar a famigerada intenção do autor, e consolidarmos sua morte, estaríamos ainda intensificando a característica polissêmica do discurso literário, visto que a obra literária não estaria circunscrita ao que quis dizer seu autor, nem à busca por essa significação única, mas sim estaria suscetível a ação do leitor e suas impressões sobre o texto, que o levariam às diversas leituras possíveis que o discurso literário propicia.

Voltemos à questão da morte/ausência do autor nas linhas de seu texto, problematizando-a relativamente ao discutirmos a essência do gênero lírico e ao escalonar

seus traços mais característicos. O gênero lírico, aparentemente, é, entre os demais gêneros, o que possui o maior potencial para conspurcar a ideia ou o princípio que estabelece o autor como um ser que está ausente em sua obra, pois se trata de um gênero cuja essência literária está centrada na emotividade, subjetividade e na expressão dos estados da alma. Sujeito e mundo estão intimamente mesclados. Assim, dizemos que “é indiscutível a afetividade e a emotividade do clima lírico, sempre ligado ao íntimo e ao sentimento, tornando fluida e inconsistente a relação entre o sujeito e o objeto, isto é, entre o eu e o mundo” (CUNHA, 1985, p. 98). E, acerca da fusão entre o eu e o mundo, ainda podemos acrescentar que “quanto mais lírico o poema, menor será a distância entre o eu e o mundo, que se fundem e se confundem (CUNHA, 1985, p. 98). Fundem e se confundem. Não se pode mais distingui-los no ápice da união. O que queremos demonstrar é que o lirismo em sua mais pura expressão, em sua quintessência, está intrinsecamente ligado à subjetividade de quem escreve. Estando submetida, então, ao jugo da emoção e da alogicidade que provém das expressões sentimentalistas, a expressão literária lírica tende a ser uma extensão dos desejos, anseios, angústias, logros e consternações do sujeito. O gênero lírico seria uma forma de transcrever as turbulências e vicissitudes engendradas pela emoção, e se mostraria adverso e hostil à lógica da razão. O sentimentalismo representa um óbice para qualquer expressão que se respalde no discurso racional, por isso, o escopo do lirismo é o afastamento dos domínios da razão. Todavia, é necessário observar que quando dissipamos a razão dos campos discursivos do gênero lírico, estamos nos embasando nas formas mais depuradas de expressão lírica, pois depreendemos que o hibridismo, algo tão comum na literatura contemporânea, pode amalgamar as características dos três gêneros literários, propiciando, eventualmente, uma poesia híbrida em que os traços comuns de objetividade, por exemplo, do gênero épico, estejam presentes na composição da poesia, ou mesmo as poesias de cunho social, que denunciam algum aspecto atinente à organização da sociedade, podem utilizar-se da prerrogativa da razão na construção de seus versos, comprometendo a essência estritamente emotiva que alimenta o gênero lírico.

Faz-se imprescindível ressaltarmos que, no início deste tópico, dissemos que a literatura é um discurso autorreferencial e que não devemos procurar obter sua significação através do autor ou de sua intenção, no entanto, em seguida, apresentamos sucintamente o gênero lírico expondo algumas de suas características e definindo-o como uma extensão dos sentimentos e da subjetividade do sujeito, como se este os transcrevesse e os retratasse fielmente no papel. Se este sujeito transfere suas emoções artisticamente em uma poesia, poderíamos aventar a possibilidade de ser o gênero lírico uma exceção em relação à ausência do autor, e que este gênero romperia a autorreferencialidade da literatura, seu caráter artístico, já que poderíamos auferir a significação do texto através da individualidade e da subjetividade que o autor impregnou em seu texto? Por ora, diremos ‘talvez’, pois este é um assunto que será abordado no próximo tópico, o que nos cabe agora é esmiuçar a natureza desse ‘sujeito que escreve’, tão nomeado no decorrer do texto. No gênero lírico, o sujeito que está por trás do jogo linguístico e artístico em que se constitui o poema, e a quem devemos imputar a ideologia contida no discurso, não é o autor, mas sim o eu lírico. O eu lírico é a voz enunciativa e autoral em um poema, e a interpretação do poema deverá ser norteadada por essa voz que tanto se difere da voz do autor. Para depreendermos a distinção entre o eu biográfico, concernente às especificidades e particularidades pessoais do autor, e o eu lírico, um elemento fictício que é parte integrante da construção poética e não partilha dos ideais e ideologias do autor, devemos estar conscientes de que a literatura é, independente das discrepâncias de conceituações, uma expressão artística em que seu artista reinventa a realidade vivencial ou comum, reconstrói-a segundo o seu imaginário. E deste conflito entre a realidade e o

imaginário, surge a ficção. A necessidade de não confundir autor e eu lírico é muito bem fundamentada no fragmento a seguir:

De fato, no poema lírico há sempre um eu que se expressa, advindo daí o subjetivismo atribuído a este tipo de composição. Não devemos, entretanto, confundir o eu lírico com o eu autobiográfico, já que o fato literário possui um universo fictício, onde os elementos da realidade concreta entram em tensão com o imaginário, para criar uma nova realidade, atrás da qual o autor desaparece. Portanto, o apregoado subjetivismo lírico independe do eu biográfico (CUNHA, 1985, p. 98, grifo nosso).

‘O apregoado subjetivismo lírico independe do eu biográfico’. Sim, porque o eu lírico fala por si mesmo, é a voz autoral no poema, e suas ideologias não podem ser imputadas como sendo as mesmas que a do autor. No início deste tópico, dissemos que o gênero lírico seria, entre os outros gêneros, aquele que, aparentemente, representaria o maior risco para as teorias que eliminam o autor como meio de extrair significado da obra, visto que o lírico é centrado nas emoções e na subjetividade, na expressão dos estados anímicos do sujeito. Porém, o advérbio ‘aparentemente’ denotou bem o aspecto especioso que esta assertiva carregava, o derradeiro período destacado na última citação demonstra o porquê do uso do advérbio: a carga emotiva e subjetiva tão peculiar a este gênero propicia a ilusão de que todo o sentimentalismo lírico deverá ser vinculado ao autor e sua individualidade (a incômoda confusão causada pelo equívoco em atribuir o conteúdo do poema ao autor). Como bem demonstrado na citação, o subjetivismo do gênero lírico independe do eu biográfico, pois as sugestões sentimentais e emotivas são, sobretudo, expressões do eu lírico, sendo este, por sua vez, como já mencionado, um elemento fictício derivado de uma construção artística. Em suma, o eu lírico é uma representação artística, e é a ele a quem devemos imputar o conteúdo de um poema. Não nos esqueçamos do célebre poema de Fernando Pessoa em que o poeta é definido como um fingidor, ele finge as emoções e sentimentos que transcreve em seus poemas. A literatura é, em si, um fingimento. Chico Buarque, em uma entrevista concedida para uma série de dvds que o homenageavam, dissera que não precisava estar apaixonado para escrever sobre o amor, bastava o inventar. A escrita poética está vinculada ao simulacro. O eu lírico, livre da carga ideológica e psicológica do autor, é o resultado deste fingimento desencadeado pelo poeta.

Embora tenhamos aduzido que o gênero lírico tem em sua essência a expressão dos estados da alma do sujeito, em que há a existência de um eu exposto suas emoções, extirpamos a inicial ideia de que este gênero estaria submetido às cargas emocionais do autor ao expormos que a expressão lírica é deflagrada através do eu lírico, sendo remetida a ele qualquer emotividade ou sentimentalismo na construção poética. Contudo, há em algumas composições poéticas a possibilidade de identificarmos resquícios da subjetividade do próprio autor na tessitura de seu texto. Alguns acontecimentos e fatos da vida de um poeta podem influenciar a sua expressão artística de modo que possamos, se possuímos um profundo conhecimento biográfico acerca da vida do poeta, vislumbrar um lirismo que desvele um tom confessional à obra literária. Este tipo de pesquisa que associa a produção literária de um autor a fatos de sua vida pessoal é denominado geneticista. Certo é que esta perspectiva de pesquisa pode pôr em xeque a autorreferencialidade da literatura, mas é uma opção, uma escolha ou uma tendência assim analisar o texto literário, pois mesmo havendo resquícios da pessoalidade do autor em seu texto, ainda podemos extrair sua significação utilizando-se apenas dos meios que o próprio discurso sugere. No seguinte tópico, abordaremos um caso muito singular em que os limites entre eu biográfico e eu lírico tornam-se friáveis, e notamos que há resquícios de uma subjetividade compartilhada entre autor e eu lírico.

2. Eu lírico e autor se fundem: o amargo e consternado lirismo de *A cinza das horas*

Mais acima, mencionamos a hipótese de o gênero lírico representar uma mácula na teoria que apregoa a morte do autor e a total independência do texto literário, visto que a subjetividade e emotividade, que são características típicas do gênero lírico, poderiam impregnar o discurso com a individualidade do autor, transformando-o em uma extensão de sua vivência pessoal. No entanto, combatemos esta hipótese, elucidando esse problemático impasse, ao caracterizarmos o eu lírico e suas funções no texto lírico, apresentando-o como uma entidade fictícia (independente do eu biográfico), tal como é, por exemplo, o narrador que encontramos no gênero épico, contudo, às vezes, é possível sim que identifiquemos resquícios da subjetividade e da carga psicológica do autor em seus poemas (um fenômeno que também pode ocorrer em outros gêneros). A produção artística, então, surge impregnada das conjunturas vivenciais do autor, ou, no caso específico do gênero lírico, o autor e o eu lírico, unidades inicialmente distintas, mesclam-se no momento da expressão artística, deflagrando um estado de confluência em que as emoções e sentimentos serão coadunados, extirpando as fronteiras entre eu lírico e autor. Para a demonstração deste fenômeno, usemos a poesia de Manuel Bandeira, visto que podemos perceber traços da personalidade do autor mesclados à sua criação poética. E é utilizando-se da poesia de Bandeira que explicaremos como um texto literário pode encharcar-se da subjetividade e das circunstâncias da vida do autor, conjunturas estas que influenciam intensamente sua criação artística. Optamos pelo livro **A cinza das horas**, pois há muito das agruras, adversidades e desalento experimentados por Manuel Bandeira.

Faz-se necessário ressaltar que Manuel Bandeira não queria ser poeta, tinha uma propensão e um gosto pessoal para a arquitetura, e até ensejara, em 1904, os estudos no curso que o tornaria engenheiro-arquiteto, na Escola Politécnica de São Paulo, mas o destino não lhe fora complacente, pois:

O poeta tinha 18 anos e acabara de descobrir que estava tuberculoso, praticamente condenado à morte. Afastou-se então de seus estudos, os preparativos para o curso de engenheiro-arquiteto na Escola Politécnica de São Paulo, e passou a peregrinar por várias cidades brasileiras em busca de climas melhores para o combate à doença (GUIMARÃES, pp.12-13, 2008).

Acometido tragicamente pela enfermidade, Bandeira precisou abdicar dos planos de tornar-se arquiteto a fim de que pudesse lutar contra a doença buscando cidades que propiciassem climas amenos e ares mais puros. Bandeira já se aventurava, esporadicamente, na elaboração de alguns poemas antes do diagnóstico da doença, a poesia era para ele, até então, um divertimento: “Já contei que os meus primeiros versos datam dos dez anos e foram versos de circunstância. Até os quinze anos não versejei senão para me divertir, para caçoar” (BANDEIRA, 2012, p.151); todavia, cômico de sua enfermidade, a arte poética surgir-lhe-ia como uma panaceia, uma necessidade ou alternativa àquela vida que ele sonhara anteriormente: a vida de arquiteto que tanto desejava e que já havia iniciado, dedicando-se aos seus estudos, mas que não se realizara, como o próprio Bandeira, amargurado, relata:

Ia começar para mim outra vida. Começou de fato, mas durou pouco. No fim do ano letivo adoeci e tive de abandonar os estudos, sem saber que seria para sempre. Sem saber que os versos, que eu fizera em menino por divertimento, principiaria então a fazê-los por necessidade, por fatalidade (BANDEIRA, p. 37, 2012).

A vida que poderia ter sido, a de arquiteto, mas que não foi. Depois de anos percorrendo, por necessidade, várias cidades brasileiras, e passando uma temporada de internação no sanatório de Clavadel, na Suíça, Manuel Bandeira publica seu primeiro livro de poemas, **A cinza das horas**, com poesias escritas nesse primeiro período de contato e de luta contra a tuberculose, entre 1900 e 1910.

O primeiro livro de poemas de Bandeira é curto, extremamente sorumbático e melancólico, reflexo da agonia de um jovem que se depara com uma doença fatal e teme por uma morte prematura, quase dada como inconcussa. São inegavelmente versos de um doente que se sente angustiado e indignado pela fatídica sina a ele reservada. **A cinza das horas** também representa uma luta contra a ociosidade que foi compelida ao poeta, pois a doença o fragilizara demasiadamente, impedindo-o de trabalhar ou de manter uma rotina comum, repleta de atividades. O próprio poeta declarou que publicou **A cinza das horas** “para de certo modo iludir o meu sentimento de vazia inutilidade” (BANDEIRA, 2012, p. 156). O livro de estreia de Bandeira, portanto, constrói-se como um cântico plangente, amargo e desalentado, salpicado de palavras que remetem à tristeza, melancolia ou desencanto diante da vida. Poemas presentes na obra como “Desesperança”, “Desencanto” e “Chama e fumo” evidenciam a temática de tristeza que se estende por toda a lírica do primeiro livro de Manuel Bandeira, o que nos permite dizer que:

A tônica de *A cinza das horas* é mesmo a tristeza. Pranto e mágoa são palavras comuns nos poemas que compõem o volume. Sobretudo mágoa. Manuel Bandeira jamais deixará de se lembrar desse tempo como o mais triste de sua vida. Não só por causa do diagnóstico, mas porque a tuberculose o atingiu na plenitude da vida (POLZONOFF JR., 2006, p.40, grifo do autor).

A cinza das horas representa uma exceção no que tange à impessoalidade do autor em relação à sua obra. Neste caso, as fronteiras que separam o eu biográfico do eu lírico são primeiramente distorcidas e, depois, totalmente dilapidadas, sendo possível vislumbrar os traços da existência do autor nas linhas de seu discurso literário, o que significa que há uma pujante transição das emoções sentidas pelo eu biográfico para as emoções expressadas pelo eu lírico, transição que culminará na produção artística. Autor e eu lírico se fundem, plasmam-se, deflagrando uma visão de mundo que se refere aos dois, e incute a ideia de um lirismo confessional contido nos versos de **A cinza das horas**.

Podemos aferir tal lirismo confessional se nos atentarmos às diversas passagens poéticas do livro que, provavelmente, fazem alusão à vida de Manuel Bandeira. Já no primeiro poema de **A cinza das horas**, “Epígrafe”, nos versos iniciais, “Sou bem nascido. Menino/ Fui, como os demais, feliz./ Depois, veio o mau destino/ E fez de mim o que quis” (BANDEIRA, 2013, p. 21), notamos “uma indicação da perspectiva confessional do livro, marcado por forte tonalidade emotiva” (GUIMARÃES, 2008, p. 91). Este mau destino que aparece nos versos do poeta representaria o aziago momento de sua vida em que ele soube que tinha tuberculose. A doença que acometeu Bandeira na plenitude de sua vida, aos dezoito anos, aparece sob a forma desse ‘mau destino’ expressada pelo eu lírico que, embora saibamos se tratar de uma entidade fictícia, neste caso, podemos conjecturar que seja esta a voz do próprio poeta irrompendo em seu poema, como uma confissão malograda e amargurada do mal que lhe fora impingido no verdor da juventude. Outros versos do mesmo poema, como “Ah, que dor! / Magoadado e só, /- Só! – meu coração ardeu” (BANDEIRA, 2013, p.21) dão continuidade ao sofrimento e à sensação de solidão presentes na voz do poeta, ambos canalizados pela voz do eu lírico. Esta solidão lamentada pelo poeta justifica-se pelo fato de que a doença o privara de

sua vida social, pois a tuberculose é altamente contagiosa e, ao menos na época em que viveu Bandeira, extremamente letal. O poema “Epígrafe” está engenhosamente muito bem posicionado na primeira obra de Manuel Bandeira, porque, como um abre-alas, nele estão resumidos e sintetizados todos os teores e toda a essência que se prolongará por todo o livro.

Quando analisamos trechos de outro poema, “Desencanto”, também é possível identificar a fusão entre o eu biográfico e o eu lírico, em que ficção e realidade se misturam, e a emotividade fingida ou dissimulada que normalmente norteia a produção literária lírica cede passagem à emoção pragmática e vivida do autor, incrustada em versos como “Eu faço versos como quem chora/ De desalento... De desencanto... /Fecha o meu livro, se por agora/ Não tens motivos nenhum de pranto” (BANDEIRA, 2013, p.22). Nesta passagem é nítido o desencanto do poeta diante da vida tão precocemente condenada pela enfermidade, pela juventude que lhe fora privada, quase suprimida, devido aos cuidados e cautelas que o poeta deveria ter para não recrudescer sua doença. Sua literatura, então, também sofre as consequências de seus muitos exílios, peregrinações e privações, assim podemos ler “versos de tristeza esparsa... remorso vão” (BANDEIRA, 2013, P.22) grassando abundantemente nas páginas do primeiro livro de Manuel Bandeira. O tom confessional do lirismo de **A cinza das horas** se estende, ou ecoa, ainda por outros poemas, como percebemos nos seguintes versos do poema “Renúncia”: “Chora de manso e no íntimo... Procura/ Curtir sem queixa o mal que te crucia:/ O mundo é sem piedade e até riria/ Da tua inconsolável amargura” (BANDEIRA, 2013, p.41), podemos inferir, nestes versos, a profunda consternação de Bandeira, além de uma acerba resignação diante dos infortúnios que foram surgindo em sua vida, o ‘mal que te crucia’ pode representar nada mais que uma referência à tuberculose que o acabrunhara e todas as privações que se sucederam, todavia, os versos citados também podem ser depreendidos como uma lúgubre exortação à resignação ante a qualquer outro infortúnio ou mal que esteja ou tenha malgrado, por exemplo, o leitor que entra em contato com o poema. Esta segunda conjectura é estritamente aceitável e viável ao leitor que não tenha discernimento acerca da vida pessoal do autor, porém, àqueles leitores que conhecem a biografia de Bandeira, a associação deste poema à subjetividade e à experiência de vida do poeta será naturalmente suscitada. Interessante ressaltar que a posição de “Renúncia” como o último poema do livro **A cinza das horas** não aparenta ser uma decisão aleatória por parte do poeta, Bandeira sempre fora assaz meticuloso e cuidadoso em relação aos seus escritos e organizava seus poemas com especial esmero, sendo assim, é provável que o poema “Renúncia”, imbuído de suas melancólicas exortações, perceptíveis em trechos como “Sofre sereno e de alma sobranceira,/ Sem um grito sequer, tua desgraça” (BANDEIRA, 2013, p.41), esteja ocupando uma posição crucial e significativa dentro de **A cinza das horas**, pois seu teor resignativo e amargurado estaria representando a última pronúncia do poeta, sua derradeira e dilacerante acomodação ou resignação diante das adversidades que a vida lhe impingiu, e, por conseguinte, sua renúncia à vida, não estritamente ao ato de viver em si, mas aos desfrutes e prazeres da vida, que não lhe seriam possíveis; sua renúncia condiz à privação do que a vida tem de melhor, já que só lhe restava a tortuosa luta contra a doença, a luta para sobreviver.

Após demonstrarmos os aspectos subjetivos e pessoais contidos em alguns de seus poemas, podemos asseverar que **A cinza das horas** é norteada por um intenso lirismo confessional, em que as circunstâncias vivenciais do eu biográfico interferem e mesclam-se à expressão poética do eu lírico, produzindo, assim, uma poesia carregada da carga psicológica e sentimental do autor. A presença do sentimentalismo confessional de Bandeira nos poemas de seu primeiro livro implica em uma pesada carga das experiências pessoais do poeta sendo totalmente transcritas em sua expressão artística, essa subjetividade abundante, perceptível em **A cinza das horas**, é observada pelo próprio poeta, quando ele se refere à sua primeira obra:

Nada tenho para dizer desses versos, senão que ainda me parecem hoje, como me pareciam então, não transcender a minha experiência pessoal, como se fossem simples queixumes de um doente desenganado, coisa que pode ser comvente no plano humano, mas não no plano artístico. No entanto, publiquei o livro, ainda que sem intenção de começar carreira literária: desejava apenas dar-me a ilusão de não viver inteiramente ocioso (BANDEIRA, 2012, pp. 73-74, grifo nosso).

Ao declarar que os versos de **A cinza das horas** não transcendem a sua experiência pessoal, o próprio poeta, em seu discurso, corrobora a proposição inicial deste trabalho que se resumia em demonstrar a existência de um lirismo confessional incrustado no primeiro livro de poemas de Manuel Bandeira, apontando para uma fusão entre o eu biográfico e o eu lírico.

Permanecendo ainda no âmbito da última citação, é possível identificar a concepção de arte defendida pelo poeta. Bandeira se mostra demasiadamente crítico em relação ao seu primeiro livro, questionando a sua qualidade ao ressaltar que **A cinza das horas** está cerceada a queixumes de um doente, estando circunscrita, então, ao plano individual e confessional, uma obra apreciável no plano humano, podendo suscitar alguma empatia, mas esdrúxula e repudiável no plano artístico. Todavia, qual é a possível significação deste pensamento? Poderíamos aventar que Bandeira sugere que a obra de arte de qualidade transcenderia as inquietações e experiências pessoais do autor, suplantaria as representações individuais e anímicas que restringiriam a obra de arte apenas ao patamar de pastiche ou espelho da vida de quem a escreve, deturpando o princípio de que a produção literária embasa-se na dissimulação e no simulacro.

Acerca da sisudez do poeta ao analisar sua própria obra, classificariamos tal análise como exagerada. **A cinza das horas** decerto não é um dos melhores livros de Manuel Bandeira, e, ainda que esteja chafurdada em um lirismo confessional que quase concede à obra o estigma de um amontoado de versos que enunciam lamentações, **A cinza das horas** possui seu valor estético. O livro constitui-se de poemas que dialogam com as normas e estilos que concernem tanto à escola Simbolista quanto à escola Parnasiana, ou seja, que obedecem a um padrão de regras e normas convencionadas para a escrita literária, e ainda encontramos, na primeira obra de Bandeira, poemas que seguem as formas fixas e clássicas do soneto como em “A Camões” e “A Antônio Nobre”, além de poemas afamados e íclitos como “Poemeto erótico”, “Cartas de meu avô” e “Alumbramento”. Apesar da cáustica crítica deflagrada por Manuel Bandeira, não se deve vilipendiar os valores literários e estéticos contidos na obra inaugural do poeta pernambucano.

Para findarmos o tópico, retomaremos à ideia inicial de que a literatura é um discurso autorreferencial e independente, e de que o gênero lírico, apesar de ser centrado na expressão dos estados anímicos do sujeito, em suas emoções e sentimentos, mantém essa autonomia literária, visto que o emissor poético, o eu lírico, configura-se como um ser fictício, díspar das experiências pessoais do eu biográfico. Ainda que estejamos em consonância com a teoria, observamos, no decorrer do tópico, que, em alguns casos peculiares, o gênero lírico, tais como outros, pode conspurcar-se com a individualidade e fatos vivenciais do autor, plasmando-o junto ao eu lírico, o que nos permite vislumbrar os aspectos pessoais do eu biográfico em sua produção artística. Por tratar-se do gênero lírico, essa fusão entre autor e eu lírico realiza-se mais facilmente, por ser o lirismo imbuído das características já mencionadas anteriormente. Demonstramos a ocorrência deste fenômeno na obra de Manuel Bandeira, **A cinza das horas**, em que foi perceptível a tônica confessional nos poemas contidos no livro supracitado. As adversidades e vicissitudes da vida, o conhecimento da doença e suas consequências, as privações impingidas ao jovem Bandeira, ainda com 18 anos, todos esses momentos podemos identificar, revestidos de uma tessitura estética e artística, nos versos amargurados e soturnos

de **A cinza das horas**. Esta obra está imbuída de um lirismo confessional que ainda se estenderia para os livros seguintes do poeta, em que ainda apareceriam os temas atinentes à doença, mas que também concederiam espaço para outras temáticas, como as que concernem à perda, em um curto intervalo de tempo, de seu pai, sua irmã, mãe, lamentações de um amor retraído, entre outros temas pessoais que ainda avultariam na poética de Manuel Bandeira, e que culminariam no ensejo intenso de evasão desta áspera realidade vivenciada pelo poeta com o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”.

Conclusão

As reflexões deste trabalho objetivaram comprovar os traços biográficos de Manuel Bandeira presentes em seu primeiro livro, **A cinza das horas**, sem que dessa forma deturpássemos completamente o estatuto da literatura e sua autorreferencialidade. A obra é um organismo poético autônomo e, sobretudo, autossuficiente, visto que entendemos a mimesis, a engrenagem da representação literária, como um processo que não está circunscrito a uma mera imitação da realidade, o que, em termos filosóficos, seria quase impossível devido à diversidade e profundidade da realidade. Poderíamos definir a mimesis como um processo que recria ou reinventa a realidade, sendo que esta realidade reinventada, já totalmente fictícia, é independente daquilo que entendemos como a realidade comum ou vivencial. Portanto, resumidamente, a obra literária fala de si mesma.

É no primeiro tópico deste trabalho que discorremos acerca dessa autonomia da literatura, objetivando demonstrar que a significação de um discurso literário não deverá ser extraída de fatores que são extrínsecos ao texto, como, por exemplo, o autor. Todavia, aduzimos, em um tentame de problematizar esta teoria, as características do gênero lírico, aventando a possibilidade de ser o lírico, por está centrado das emoções, expressões anímicas e emotivas, o gênero que poderia vir a corromper a autonomia da literatura e associar sua significação a traços peculiares da vida de quem a produz. No decorrer do tópico, desconstruímos essa possibilidade ao caracterizarmos a função do eu lírico, a voz poética que fala no texto lírico no lugar do eu biográfico, e tachando-o como um elemento fictício, produto do fingimento e simulacro do eu biográfico, ou seja, o que o poema diz ou significa não pode se associado à ideologia ou à psicologia do autor, mas sempre deve ser pensado como uma produção artística revestida pela estética do eu lírico. As expressões líricas seriam, então, uma mixórdia de emoções e sentimentos que não pertencem necessariamente ao autor. Contudo, o problema não estava solucionado.

No segundo tópico, já caracterizadas, identificadas e distinguidas as peculiaridades que definem eu lírico e eu biográfico, mais uma vez, encetamos outra problematização teórica, que, desta vez, apregoa a possibilidade de uma fusão entre estes dois elementos em algumas obras poéticas, e, no nosso caso, selecionamos **A cinza das horas** à guisa de exemplo. Apesar de ser o eu lírico a voz preponderante na expressão poética, ainda assim é possível que fatos da experiência de vida e conjunturas existenciais influenciem a produção poética de algum autor. Desta forma, demonstramos como as adversidades e circunstâncias da vida de Manuel Bandeira, acometido no zênite da juventude pela tuberculose, não só influenciaram, mas também apareceram transcritas poética e esteticamente nos versos de seu primeiro livro. É possível, como apresentado no segundo tópico, identificar a carga psicológica e subjetiva de Manuel Bandeira em variados poemas de **A cinza das horas**.

Por fim, preconizar que a significação da obra deverá ser extraída de si mesma, de sua estrutura, denota inegavelmente a tomada de um tipo de análise que concerne a uma escola literária específica, o Formalismo, no caso, porém, como já mencionamos no primeiro tópico, há teorias que buscam a significação do discurso literário por outras vias, não tacharemos-nas

como erradas nem corretas, apenas esclareceremos que “toda teoria repousa num sistema de preferências, consciente ou não” (COMPAGNON, 2012, p. 43). A análise literária propenderá a diferentes inclinações teóricas. Buscar nos versos de **A cinza das horas** fatos individuais e atinentes à vida de Manuel Bandeira, revelando a influência destes na obra do poeta, apenas corrobora a possibilidade de exploração de significado por outras vias. Em **A cinza das horas**, há vestígios ou traços das experiências do autor em sua produção artística (admitidos pelo próprio poeta em sua autobiografia poética), permitindo que observemos, além da fusão momentânea entre o eu biográfico e o eu lírico, a presença de um lirismo confessional pujante e identificável quando levamos em consideração a biografia de Manuel Bandeira.

THE CONFSSIONAL LYRICISM IN THE ASHES OF THE HOURS, BY MANUEL BANDEIRA

ABSTRACT: This article analyses the remains of the biographical presence of Manuel Bandeira in his first book, **The ashes of the hours**, aiming to demonstrate that, although literature is considered a self-referential discourse, addressing its own reality and based on the principles of verisimilitude, it is possible in some cases to extract the meaning of a literary discourse by associating the author's biography to his artistic production. Thus, we seek to highlight the confessional content established in the lyricism of **The ashes of the hours**.

Key words: Lyrical genre. Poetry. Manuel Bandeira. Lyricism confessional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BANDEIRA, Manuel. **Antologia**. – 6.ed. – São Paulo: Global, 2013.
- BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. – 7.Ed. - São Paulo: Global, 2012.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. – 6. Ed. - São Paulo: Perspectiva, 2013.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CUNHA, Helena Parente. **Teoria literária**. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. **Por que ler Manuel Bandeira**. São Paulo: Globo, 2008.
- POLZONOFF JR., Paulo. **Manuel Bandeira: a vida toda que poderia ter sido, e foi**. – Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2006